



AFASIAS E CLASSIFICAÇÃO: JARGONOFASIA COMO DESORDEM SEMÂNTICO-SINTÁTICA

VERÔNICA FRANCIELE SEIDEL*

RESUMO

Embora realizadas desde o século XIX, as classificações das afasias ainda se mostram problemáticas e deficitárias em alguns aspectos, dificultando, consequentemente, o entendimento e o tratamento desses distúrbios da linguagem. Uma dessas categorizações agrupa as afasias como associadas ao aspecto semântico ou ao aspecto sintático, a exemplo da jargonofasia, habitualmente vista como uma patologia que afeta apenas a semântica. Diante disso, o objetivo deste *squib* consiste em averiguar, a partir de um recorte de pesquisas já publicadas sobre o tema, a possibilidade de compreender a jargonofasia como um distúrbio associado não só ao nível semântico, mas também ao nível sintático. Tal discussão indica que os jargonofásicos apresentam alterações tanto na capacidade de seleção quanto na capacidade de inserção lexical, o que evidencia que a sintaxe não se mantém inalterada nesses sujeitos e confirma o fato de que a teoria gerativa, que apresenta um modelo teórico para explicar as regras de inserção e seleção lexical que compõem o conhecimento inato dos falantes sobre a língua, como demonstram alguns estudos já existentes, é profícua para embasar investigações sobre a temática.

Palavras-chave: jargonofasia, semântica, sintaxe

ABSTRACT

Although carried out since the 19th century, aphasic classifications are still problematic and deficient in some aspects, making it difficult to understand and treat these language disorders. One of these categorizations groups aphasias as associated with the semantic aspect or the syntactic aspect, such as jargonaphasia, usually seen as a pathology that affects only semantics. Therefore, the purpose of this squib is to investigate, based on research already published on the subject, the possibility of understanding jargonaphasia as a disorder associated not only at the semantic level, but also at the syntactic level. Such discussion indicates that jargonaphasics present alterations both in the capacity of selection and in the capacity of lexical insertion, which shows that the syntax does not remain unchanged in these subjects and allows us to suppose that the generative theory, that presents a theoretical model to explain the rules of insertion and lexical selection that make up the innate knowledge of speakers about the language, could be fruitful to base new studies on the subject.

Keywords: jargonaphasia, semantics, syntax

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. E-mail: veronica.seidel@edu.pucrs.br.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre distúrbios na linguagem têm sua origem na Medicina e remontam ao século XIX. Entre esses distúrbios, um dos mais pesquisados desde então têm sido o que conhecemos hoje como afasia, investigada inicialmente por Broca e posteriormente por Wernicke (KANDEL; SCHWARTZ; JESSELL, 2003), constituindo tema de interesse das ciências cognitivas em geral (SANTOS; NOVAES, 2008). A afasia pode ser definida como uma patologia decorrente de lesão cerebral que apresenta, entre suas consequências, distúrbios na compreensão ou na produção de linguagem (ORTIZ, 2005).

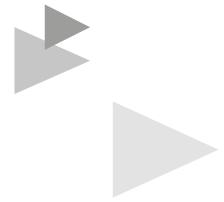
Especificamente na Linguística, as discussões sobre afasia tiveram início somente na segunda metade do século XX, com os estudos de Jakobson, que foi “[...] o primeiro a realizar uma análise dos distúrbios afásicos utilizando critérios puramente lingüísticos” (PINTO; SANTANA, 2009, p. 418). Em um dos capítulos de sua obra intitulada “Lingüística e comunicação”, Jakobson (1969)¹ apresenta uma proposta de classificação, associando os sintomas afásicos à seleção (dimensão semântica) e à combinação (dimensão sintática) dos elementos linguísticos.

Diversas outras categorizações foram propostas, e, entre os estudiosos do tema, é consenso que não existe uma classificação satisfatória das afasias, de modo que os termos empregados para caracterizar os sintomas decorrentes dessa patologia, embora um tanto cristalizados, apresentam variação considerável (ORTIZ, 2005; PINTO; SANTANA, 2009). Essa variação decorre, em grande medida, do critério utilizado para definir cada tipo de afasia e tem implicações diversas, tais como a forma de tratamento adotada e, consequentemente, a evolução do quadro clínico dos sujeitos acometidos (FONTANESI; SCHMIDT, 2016).

Um desses critérios utilizados, especialmente nos estudos linguísticos, pauta-se na divisão entre afasias que afetam o aspecto semântico e afasias que afetam o aspecto sintático, a exemplo da classificação proposta por Jakobson. Contudo, alguns dados de estudos (MORATO; NOVAES-PINTO, 1997; PINTO; SANTANA, 2009) têm demonstrado que essa divisão, além de não refletir exatamente o distúrbio apresentado, parte de uma perspectiva dicotômica da língua, desconsiderando fatores como contexto de uso. Tais fatores são essenciais para compreendermos esse fenômeno, posto que os tipos de tarefa utilizadas nas pesquisas, por exemplo, assim como outros fatores contextuais, exercem impacto na produção de não palavras pelos pacientes e, consequentemente, na classificação das afasias percebidas.

Diante disso, neste estudo, propõe-se refletir sobre essa separação entre aspectos de nível semântico e sintático no que concerne a um tipo de afasia específico – a jargonofasia –, categorizada habitualmente como um distúrbio semântico. O objetivo consiste, assim, em averiguar a possibilidade de compreender a jargonofasia como um distúrbio associado não só ao nível semântico, mas também ao nível sintático. Para isso, a seção a seguir apresenta um apanhado de caráter teórico, centrado em pesquisas já publicadas sobre o tema, com o intuito de discutir essa questão.

¹ Embora a edição consultada para este estudo seja de 1969, a primeira edição dessa obra data de 1954.



2 A JARGONOFASIA E SUAS CLASSIFICAÇÕES

Em “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, capítulo que integra uma das obras de Jakobson (1969), o linguista russo propõe uma classificação das afasias com base nos eixos paradigmático e sintagmático de organização da linguagem, já explicitados por Saussure (2002). Assim, Jakobson divide os distúrbios afásicos como relacionados predominantemente à seleção de termos dentre uma lista de elementos possíveis (eixo paradigmático) e à combinação desses termos selecionados em uma sentença (eixo sintagmático).

Enquanto um falante com suas capacidades linguísticas preservadas realizaria operações nos dois eixos para organizar sua fala, afásicos passariam, na maior parte das vezes, a realizar operações em apenas um desses eixos, originando, dessa forma, distúrbios de linguagem². Nessa abordagem, os distúrbios referentes à combinação dos itens ocasionariam o que Jakobson (1969) denominou de agramatismo, patologia que afeta, além dos níveis fonológico e morfológico, o nível sintático. Já as desordens concernentes à seleção de itens lexicais levariam ao que o autor designou como jargonofasia, distúrbio de nível semântico³.

Essa divisão entre afasias de nível sintático e semântico tem sido endossada por outros autores tanto das ciências cognitivas em geral quanto da Linguística em particular (PINTO; SANTANA, 2009). Nessa perspectiva, uma das primeiras proposições para compreender tal divisão entendia que existiam distúrbios em que a sintaxe se mostra alterada, denominados geralmente de afasia de Broca, e distúrbios em que a semântica se mostra alterada, designados habitualmente de afasia de Wernicke. Neste estudo, interessa particularmente o segundo caso, relativo a desordens muitas vezes compreendidas como aquelas em que há alterações no nível semântico, mas cujo nível sintático se mantém inalterado, a exemplo da concepção adotada nas pesquisas de Mansur e Radanovic (2003) e Vargas et al. (2011). Para esses autores, muitas das observações clínicas oriundas de tal compreensão do fenômeno apresentam limitações, deixando de abordar aspectos relevantes.

A jargonofasia, que configuraria uma característica desse segundo tipo de afasia, tem sido recorrentemente definida como fala ininteligível e fluente ou como sons sem significado (CORDEIRO; MARCOLINO-GALLI; LIER-DEVITTO, 2013)⁴, constituindo um distúrbio que

2 A esse respeito, cabe salientar que a perda total não constitui a única configuração possível, já que existem casos de distúrbios extremamente seletivos, em que o sujeito apresenta capacidade de fala bastante próxima ao habitual para a maioria das produções linguísticas, mas demonstra dificuldades muito específicas (BEBER, 2019).

3 Jakobson apresenta uma divisão entre “distúrbio da similaridade” (que seria o de seleção) e “distúrbio da contiguidade” (que seria o de combinação), situando a jargonofasia no âmbito do primeiro tipo.

4 Cabe ressaltar, aqui, que o referencial teórico adotado se organiza a partir de uma perspectiva multidisciplinar, que considera tanto investigações fundamentadas na perspectiva da enunciação quanto pesquisas embasadas na perspectiva da neurolinguística discursiva.



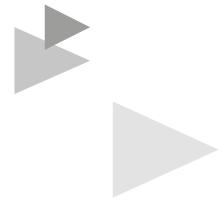
afeta a ordem semântica e mantém inalterada a sintaxe. A seguir, consta um exemplo de produção linguística com essas características:

Isk: que que houve?
EV: tô muito triste, não **arronjárdago**, to meu vá, muito **merrar só melhávada girre damedárre** e ficando ma ve dano **sacorro tute** marrom de masson, muito tista.
Isk: a senhora tá se sentindo muito sozinha...
EV: faze nave, num tem mai **dumilhade** do que ai tem **medjogo**... finale non.
Isk: hum...
EV: num deixa eu sair eu tem medo domogaze.
Isk: a senhora fica...
EV: eu quero **morrar no terrão minha caseba morrava** lá no **merrar** da cidade era mia **cola** lá (NOVAES-PINTO, 1999 *apud* PINTO; SANTANA, 2009, p. 420).

Nesse caso, pode-se perceber a existência de alguns padrões, como a presença de termos com duplicação da consonantal “r” em *merrar*, *girre*, *sacorro*, *damedárre*, *morrar*, *morrava*, nos quais ainda é possível depreender o sentido pretendido, e de termos cuja semântica se mostra afetada completamente, como *arronjárdago*, *melhávada*. Contudo, conforme salientam Oliveira e Marcolino (2009), as classificações existentes para a jargonofasia são insatisfatórias, o que constitui um obstáculo ao entendimento e tratamento dessa desordem e requer, consequentemente, um olhar mais atento ao tema. Nessa mesma direção, partindo de uma perspectiva enunciativa, Morato e Novaes-Pinto (1998, p. 396) sinalizam a insuficiência da abordagem tradicional da jargonofasia, que percebe essa patologia como associada apenas à semântica, uma vez que a sintaxe estaria preservada. No exemplo anterior, é possível perceber que há momentos em que a sintaxe também se mostra afetada, como em *ficando ma ve dano sacorro tute*.

Cabe questionar, então, se a jargonofasia não poderia ser configurada como uma desordem que afeta, além do nível semântico, o nível sintático, perspectiva essa endossada por Pinto e Santana (2009) em um estudo fundamentado na neurolinguística discursiva e por dados como o presente no excerto de fala supracitado, em que é possível perceber problemas não só de seleção de elementos, mas também de combinação desses elementos (a exemplo do que ocorre em *não arronjárdago, to meu vá, muito merrar*). Corroborando tal possibilidade de análise, Cordeiro, Marcolino-Galli e Lier-DeVitto (2013, p. 7) discorrem acerca de uma das formas tradicionais de designar a jargonofasia: “[...] aglomerados incompreensíveis de segmentos, que dissolvem as articulações esperadas numa língua” – isto é, a combinação entre os elementos linguísticos, aspecto investigado pela sintaxe.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a teoria gerativa, uma abordagem formal de estudo da sintaxe, tradicionalmente empregada para embasar pesquisas sobre o agramatismo — patologia que acomete o nível sintático da fala em afásicos —, parece ser profícua também para colaborar para a compreensão da jargonofasia. Isso ocorre porque o gerativismo aborda a combinação entre os elementos linguísticos, sendo capaz de contribuir para a compreensão do fenômeno, assim como a enunciação e a neurolinguística discursiva. A teoria gerativa, tal como proposta pela abordagem chomskyana, entende que há um conjunto de regras internalizadas que permite a aquisição das línguas naturais, ou seja, que existe um conhecimento inato à espécie humana que possibilita a aquisição da língua à qual o sujeito está exposto desde o nascimento (CHOMSKY, 1975). Esse conhecimento tácito e



implícito que o falante tem do funcionamento de sua língua e que constitui a sintaxe dessa língua se pauta em dois tipos de princípios: os de inserção lexical e os de combinação lexical (LARSON, 2009). Na perspectiva gerativista, a inserção é compreendida como seleção, isto é, como operação de implementação lexical da estrutura. O que se defende aqui, entretanto, é que a estrutura sintática é isomórfica à segmentação do significado, tal como defendem Lemle e Pederneira (2012), o que implicaria uma interface semântico-sintática. Ao encontro disso, Friederici (2017) explicita que a jargonofasia envolve processos léxico-semânticos.

Logo, seria possível afirmar que a seleção, isto é, o que Jakobson (1969) atribuiu ao nível paradigmático, também integra a sintaxe de uma língua, posto que o falante, para que possa combinar os elementos linguísticos, precisa antes selecionar esses elementos dentre um conjunto de possibilidades. Diante disso, a hipótese é de que o estudo da jargonofasia a partir do viés teórico gerativista possa contribuir para aprofundar a compreensão desse distúrbio de linguagem, já que, em um sujeito afásico do tipo jargonofásico, tanto a capacidade de seleção de itens lexicais quanto a própria capacidade de combinação desses itens estariam prejudicadas. A averiguação de tal hipótese requereria novos estudos empíricos baseados em dados de fala de sujeitos acometidos pela jargonofasia, tal como os desenvolvidos por Corrêa, Augusto e Marcilese (2018), Dotti *et al.* (2018) e Longchamps e Corrêa (2014), a fim de examinar se os pressupostos teóricos gerativistas possuem, de fato, potencial para explicar tal fenômeno de linguagem, o que ultrapassa o escopo deste *squib*. Salienta-se, ainda, a possibilidade de um diálogo profícuo acerca da temática entre o gerativismo e os estudos experimentais em Psicolinguística e Neurolinguística.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as classificações habitualmente associadas à afasia, parece possível afirmar que ainda existem lacunas a serem investigadas, a exemplo da jargonofasia, como demonstram alguns estudos sobre o tema, realizados sobretudo da perspectiva enunciativa e da abordagem da neurolinguística discursiva. Os dados levantados por esses estudos acerca da fala de sujeitos jargonofásicos indicam desordem em dois níveis de competência linguística, paradigmático e sintagmático, ou seja, na seleção e na combinação de itens lexicais.

Assim, a sintaxe também seria afetada em sujeitos acometidos por essa manifestação vinculada à afasia de Wernick, tal como ocorre com o agramatismo (ainda que em diferentes níveis e de formas distintas), distúrbio frequentemente associado a alterações na sintaxe e investigado sob a ótica da teoria gerativa. Diante disso, posto que tal teoria tem se mostrado produtiva para a compreensão do agramatismo, acredita-se que possa ser aplicada também para examinar a jargonofasia, visto que não só o conhecimento gramatical de inserção, mas também o de seleção, nesta afasia parece afetado e que o gerativismo propõe, justamente, modelos teóricos destinados a compreender as regras de seleção e combinação de elementos linguísticos⁵.

⁵ Com isso não se quer afirmar que apenas o gerativismo tal como proposto por Chomsky pode ser profícuo para tal abordagem. Embora outras perspectivas, como a análise gerativista nos moldes da morfologia distribuída, por exemplo, também possam contribuir para pensar tal fenômeno, neste *squib* o foco reside em

REFERÊNCIAS

BEBER, B. C. Proposta de apresentação da classificação dos transtornos de linguagem oral no adulto e no idoso. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 160-169, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/36049>. Acesso em: 14. fev. 2023.

CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1975.

CORDEIRO, M. D. de S. G.; MARCOLINO-GALLI, J. F.; LIER-DEVITTO, M. F. Jargonafasia: impasses teóricos e clínicos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013, Uberlândia. *Anais eletrônicos* [...]. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1236.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; MARCILESE, M. Competing analyses and differential cost in the production of non-subject relative clauses. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 3, p. 62-84, 2018. Disponível em: <https://www.glossa-journal.org/article/id/5030/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

DOTTI, H. et al. Una evaluación de la comprensión de estructuras sintácticas con alto costo de procesamiento en niños en edad escolar. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, v. 10, p. 37-57, 2018. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/racc/article/view/19772>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FONTANESI, S. R. O.; SCHMIDT, A. Intervenções em afasia: uma revisão integrativa. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 252-262, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620161817715>. Acesso em: 09 jun. 2021.

FRIEDERICI, A. D. *Language in our brain: The origins of a uniquely human capacity*. Chicago: Mit press, 2017.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

KANDEL, E. R; SCHWARTZ, J. H; JESSELL, T. H. A linguagem e as afasias. In: KANDEL, E. R. et al. (org). *Princípios da neurociência*. 4. ed. Barueri: Manole, 2003. p. 1169-1187.

LARSON, R. K. *Grammar as science*. Cambridge: MIT Press, 2009.

LEMLE, M.; PEDERNEIRA, I. L. Inserção lexical ou envoltório lexical? *Alfa*, São José Rio Preto, v. 56, n. 2, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000200006>. Acesso em: 14 fev. 2023.

LONGCHAMPS, J. R.; CORRÊA, L. M. S. Interface gramática-pragmática e problemas de aprendizagem: definitude e relevância no processamento da referência. *Veredas*, Juiz de

apontar tal possibilidade justamente a partir das proposições chomskyanas.

Fora, v. 18, p. 1-19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24949>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MANSUR, L. L.; RADANOVIC, M. *Neurolinguística: princípios para a prática clínica*. São Paulo: iEditora, 2003.

MORATO, E. M.; NOVAES-PINTO, R. Aspectos enunciativos das jargonofasias. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 45., 1997, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 396-401.

OLIVEIRA, R. D.; MARCOLINO, J. Considerações sobre o jargão na clínica de linguagem com afásicos. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 39-46, 2009.

ORTIZ, K. Z. Afasia. In: ORTIZ, K. Z. (org.). *Distúrbios neurológicos adquiridos*. São Paulo: Manole, 2005. p. 47-65.

PINTO, R. do C. N.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. *Psicolinguística: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300012>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SANTOS, S. R. C. dos; NOVAES, C. V. Compreensão de tempo e aspecto em indivíduos com afasia de Broca. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Juiz de Fora, p. 171-174, 2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/resumo09.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

VARGAS, F. R. et al. Reabilitação neuropsicológica em um caso de afasia semântica. *Neuropsicología Latinoamericana*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 39-49, 2011.

Squib recebido em 3 de outubro de 2021.

Squib aceito em 8 de dezembro de 2022.